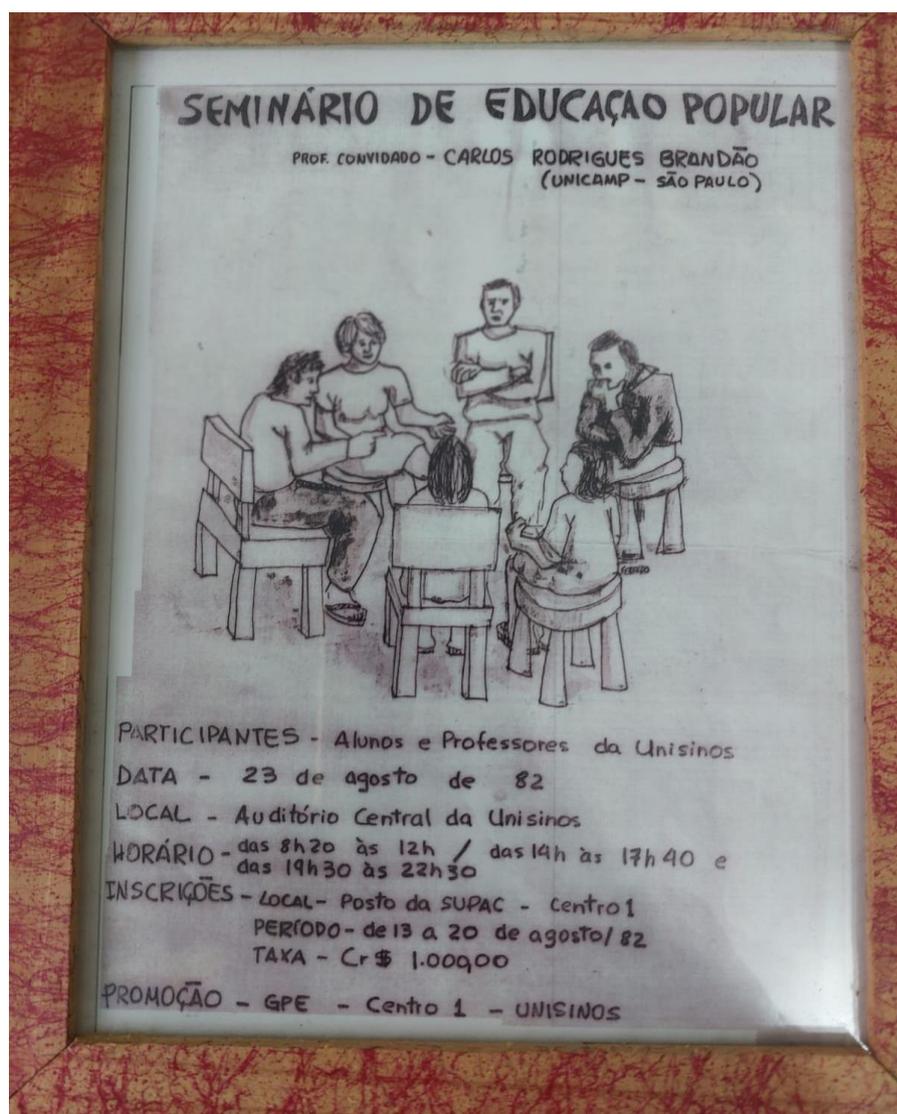


## O NOSSO MUNDO PODE SER DIFERENTE: LEMBRANDO CARLOS RODRIGUES BRANDÃO<sup>1</sup>

Danilo R. Streck<sup>2</sup>



<sup>1</sup> Homenagem recebida em 31/07/2023. Aprovada pelos editores em 16/08/2023. Publicada em 11/12/2023. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v21i46.59413>

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Rutgers University, Estados Unidos. Professor titular da Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul - Brasil. E-mail: [drstreck@ucs.br](mailto:drstreck@ucs.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2250864123409266>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7410-3174>.

Ao pensar sobre como iniciar a tarefa de escrever algo sobre Carlos Rodrigues Brandão que faça sentido para quem o conheceu e eventualmente apresentá-lo a quem não teve esse privilégio, veio-me à mente um conto de Gabriel García Márquez que Rubem Alves, um grande amigo de Carlos, gostava de contar. Trata-se do conto “O afogado mais bonito do mundo”, que tem mais ou menos o seguinte enredo: Na praia de um pequeno povoado no litoral caribenho, aparece o corpo de um homem. Quem o vê primeiro são as crianças, os homens levam o corpo inerte para dentro de casa e são as mulheres que cuidam dele e o preparam para o velório. Deparam-se, então, com uma figura diferente daquelas que são comuns no povoado. É um homem maior, mais bonito, com vestígios de ter vindo de lugares longínquos e desconhecidos. Começam então a tecer histórias que acabam mudando a vida do povoado. Os moradores sabiam, como diz o autor, que desde então tudo seria diferente no povoado.

Antes de refletir sobre como a vida de Carlos (vou me permitir tratá-lo assim, sabendo que muitos o conhecem por Brandão) nos torna cientes de que nosso “povoado” pode ser diferente, lembro alguns momentos com ele que me permitem essas reflexões. Com isso também estou dizendo que, embora não tenha privado de uma maior intimidade, a relação que tive com ele já foi um grande privilégio. Há algum tempo recebi da ex-colega na Unisinos, professora Janira da Silva, uma gravura de uma roda de conversa com Brandão, por ocasião do seminário de Educação Popular, em agosto de 1982. Foi por essa época que tive os primeiros contatos com ele. Depois, em 1996, já no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos, que tinha como área de concentração a Educação Básica, convidamos Brandão a escrever o prefácio de um livro que teve como título uma adaptação do título de um texto de 1977 chamado “Da educação fundamental ao fundamental da educação”. Sempre achei esse texto emblemático na busca pelo fundamental, pelo que realmente importa. Depois trabalhamos juntos no livro *Pesquisa participante: a partilha do saber*, cujos textos também compuseram um número especial do *International Journal of Action Research*. Vieram então bancas, congressos, coorientação e algumas boas conversas.

Olhemos, então, para como Carlos ajudou e continua ajudando a mudar o mundo para que seja um lugar mais bonito e decente. Vou me ater a três facetas de sua vida, na certeza de que não são as únicas. A primeira dessas facetas diz respeito

à educação. Carlos conseguiu, de forma magistral, mostrar como a educação se mistura com a vida. Como ele escreve em seu livro, hoje clássico, *O que é educação*: “A educação é, como outras, uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”. Vemos aqui o antropólogo feito educador nos ensinando a ver a educação como um dos componentes da vida em sociedade e que por isso precisa ser vista em sua pluralidade de manifestações. Sendo uma fração da vida social ela vem permeada de valores, muitas vezes contraditórios, outras vezes conflitantes. Carlos coloca-se então ao lado da educação que se desenvolve em meio aos grupos sociais que lutam pela dignidade humana, pela solidariedade e pela igualdade social. Em outras palavras, ele se torna uma referência obrigatória no campo da Educação Popular na América Latina e, com certeza, por muito tempo sua vasta obra nesse campo será lembrada em trabalhos acadêmicos e por todos que desejam obter uma melhor compreensão de sua prática pedagógica.

A outra faceta que desejo destacar é a sua incontestável contribuição à pesquisa participante na América Latina. Junto com Orlando Fals Borda e Paulo Freire, ele é um dos inspiradores e promotores de uma corrente investigativa que não só rompe com a neutralidade cientificista da pesquisa, mas a coloca dentro do movimento da sociedade ao lado daqueles cujo saber-poder não é reconhecido como legítimo, válido ou relevante. O que caracteriza essa pesquisa é, sobretudo, a confiança no *outro* como sujeito capaz de ser parceiro no ato de conhecer a sua realidade, em vez de depositar a confiança em um instrumento ou em mim mesmo como pesquisador ou pesquisadora. Assim, muito a seu gosto, ele brincava com o binômio *solitária* e *solidária* para identificar o que seria a pesquisa participante. Ou seja, uma pesquisa que é regida pelo espírito de solidariedade e de partilha em uma comunidade epistêmica que se propõe a compreender um fenômeno ou uma realidade. Na pesquisa participante se funde o melhor do antropólogo, do psicólogo e do educador, que entre outras áreas, se destacam em sua (auto)formação.

A cultura é o cimento que sustenta ou a linha que faz a costura entre todas as frações do modo de vida. Em *A educação como cultura*, Carlos registra a mudança na concepção de cultura que acaba se consolidando num forte movimento de cultura popular na América Latina a partir da década de 1960. Ele afirma neste livro que, ao lado da usual concepção que enfatiza o produto da ação do homem sobre a natureza,

agora se passa a subordinar a ideia de cultura ao trabalho como ação consciente do homem sobre o mundo, à história como campo de realização humana e à dialética como qualidade das relações do homem com a natureza e dos homens entre si para criar a cultura e fazer história. Ou seja, a noção de cultura como produto e processo vem impregnada de sentido ético e político.

A terceira faceta pela qual o mundo com ele se torna mais bonito e amoroso pode ser vista em sua maneira de ser e viver. Diria que foi um viver poético, *poiesis* - entendida como a capacidade de criar, e de criar com leveza e beleza. Em suas mãos tudo vira poesia: nomes de pessoas, notas de diário de campo, rios e plantas. Encontrei, dentro de um livro, uma daquelas cartas circulares que ele costumava enviar por correio. É do Natal de 2001, quando ele lembra os 40 anos da Educação Popular e os 80 anos de Paulo Freire, com muita esperança de que o novo século poderia ser melhor. Ele anexa à carta poemas com o título *orar com o corpo*, dos quais transcrevo dois:

*despertar*

A ninguém é facultado  
Dizer: chega!  
O tempo é impensável  
E sempre sobra.  
Um cisne bate à porta  
e acorda a casa. E acordas.  
Uma janela que abras  
Já te baste.  
Fiz este milagre, dizes  
E lavas o teu rosto.  
Lavas com as mãos o teu rosto  
E te salvas.

*Amar*

Desenha, Deus, nos céus  
Um arco-íris.  
És bom pintor, eu creio  
Bom artista.

Depois cantarola as sete notas  
Como se fosses, Deus, um passarinho.  
Soletra o meu nome como a criança  
E depois me dá a mão como um amigo.  
Que eu te ame com preces, pão e vinho  
como se eu fosse um deus  
e tu, menino.

A essas alturas, deus e o menino devem estar brincando e sonhando o nosso  
“povoado”.